

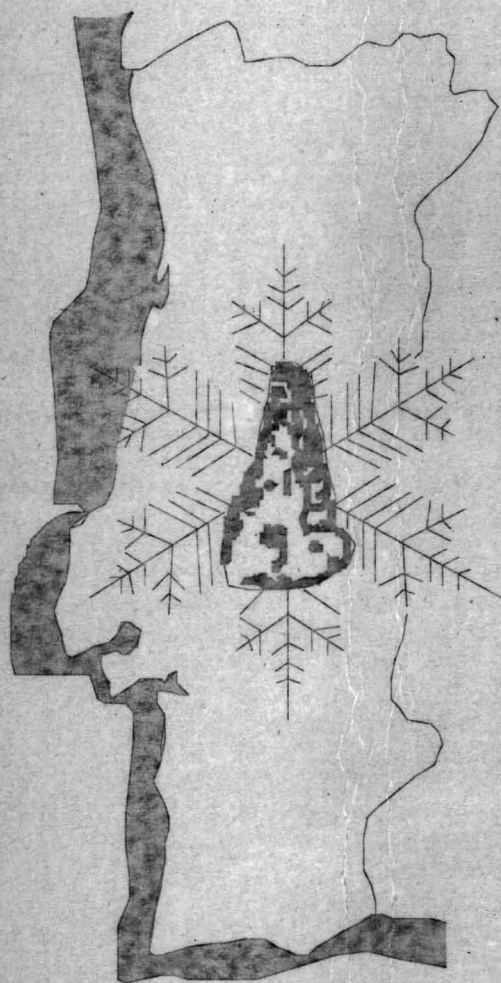
Estudos do Quaternário

N.º 3, 2000

Revista da
Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário

Quaternary Studies

Journal of the Portuguese Association for Quaternary Research



APEQ

CONFERÊNCIAS DAS II JORNADAS DO QUATERNÁRIO

UNIVERSIDADE DO PORTO
FACULDADE DE LETRAS
12-13 DE OUTUBRO DE 2000

Publicação com apoio de:

- Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Programa Operacional Ciência, Tecnologia, Inovação do Quadro Comunitário de Apoio III)
- Fundação Calouste Gulbenkian
- Instituto de Promoção Ambiental

A QUESTÃO DAS PRIMEIRAS OCUPAÇÕES HUMANAS DO TERRITÓRIO PORTUGUÊS, NO QUADRO EUROPEU E CIRCUM-MEDITERRÂNICO:

história das investigações, situação actual, perspectivas futuras

LUÍS RAPOSO ¹ E JOÃO LUÍS CARDOSO ²

Resumo

Desde os trabalhos de H. Breuil e G. Zbyszewski na década de 1940, tendo por finalidade o reconhecimento e caracterização das formações quaternárias do litoral da Estremadura portuguesa e da parte vestibular do vale do Tejo (BREUIL & ZBYSZEWSKI, 1942, 1945), que se considerava a existência de indústrias arcaicas no litoral português, descritas como «lusitanianas» (fácies particular do Acheulense dominado por seixos afeiçãoados), cuja antiguidade poderia ascender até o Siciliano (ca. 900 000 anos a 1 M.A.). Durante os anos 70 e os inícios da década seguinte, a retoma das investigações confirmou, e mesmo alargou, as observações precedentes. Falou-se, nessa altura, da existência de um verdadeiro horizonte de seixos afeiçãoados («pebble-culture»), culturalmente pré-acheulense e cronologicamente muito antigo, talvez calabriano (ca. 1,5 M. A.). Estas ideias foram postas em causa, e mesmo rejeitadas por trabalhos de síntese realizados na segunda metade da década de 1980 e durante a década seguinte. Segundo esta perspectiva, nem os sítios portugueses, nem as respectivas colecções, constituiriam provas válidas da presença humana antes do início do Plistocénico Médio, a qual, culturalmente, corresponderia ao Acheulense.

Nesta comunicação, os autores apresentam uma sistematização dos argumentos defendidos por ambas as partes, reconhecendo a existência de observações pertinentes nos dois campos, as quais serão valorizadas numa perspectiva geográfica, cronológica e cultural alargada, na qual deverão ser integradas. A este respeito, sublinha-se que a confirmação recente de horizontes de ocupação humana do Plistocénico Inferior no sul e centro da Península Ibérica constitui justificação acrescida para o desenvolvimento dos trabalhos em Portugal, na procura de elementos estratigráficos, paleontológicos e culturais mais consistentes do que os actualmente disponíveis, conduzindo por outro lado à selecção de sítios que justifiquem escavações arqueológicas, para além dos locais mais promissores, de entre os já conhecidos.

Palavras-chave: Pré-Acheulense; Portugal; Europa e região circum-mediterrânea

Abstract

Since the work of H. Breuil and G. Zbyszewski in the 1940s, aiming to locate and characterise the Quaternary formations of the coastal area of Portuguese Estremadura and of the Tagus estuary, there have been thought to be archaic industries on the Portuguese coast, described as 'Lusitanian' (facies particular to the Acheulian, dominated by pebble tools), which could go back to the Sicilian (c. 900,000 to 1 million yrs.) During the 70s and early 80s further investigations confirmed and indeed widened these earlier observations. At that time researchers spoke of «Pebble Culture», culturally pre-Acheulian and chronologically very early, perhaps Calabrian (c. 1.5 million yrs.) These ideas were challenged and even rejected by reviews produced in the second half of the 80s and the 90s. According to this perspective, neither the Portuguese sites nor the materials found constituted a valid proof of human presence before the beginning of the Middle Pleistocene, which culturally would correspond to the Acheulian.

In this communication the authors present the arguments on each side systematically, acknowledging relevant observations from both camps and evaluating them from geographical and chronological perspectives, as well as from the necessary broader cultural perspective. It must be stressed here that recently-confirmed human occupation dating from the Lower Pleistocene in the centre and south of the Iberian Peninsula clearly justifies further work in Portugal. Such research is needed to locate more consistent stratigraphic, palaeontological and cultural elements than those presently available, and also to choose from among new and already known sites those deserving further excavation.

Key-words: Pre-Acheulian; Portugal; Europe and Circum-mediterranean region

1. Antecedentes: desde as primeiras identificações até aos finais dos anos 60

Como é do conhecimento geral, os estudos sobre o Paleolítico em Portugal encontram-se fortemente marcados pelo trabalho pioneiro desenvolvido por Georges Zbyszewski e Henri Breuil, nos anos 1940. O encontro e a conjugação dos interesses e formações

disciplinares de ambos constituiu um verdadeiro marco definidor de dois momentos na história da investigação neste domínio: o *antes* de o *depois* de Breuil e Zbyszewski.

Um dos traços mais significativos daquela nova fase da pesquisa foi o da feliz conjugação entre suporte geológico e diagnose tipológica das indústrias líticas, ambos muito actualizados para a época e

¹ Museu Nacional de Arqueologia e Universidade Lusíada (Lisboa).

² Agregado em Pré-História. Universidade Aberta (Lisboa), Centro de Estudos Geológicos (FCT/UNL) e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras.

com provas já dadas noutras regiões, entre as quais a mais clássica de todas, a da Picardia francesa. Como recentemente sublinhou um de nós (RAPOSO, 1999), pode com propriedade dizer-se que a obra de Breuil e Zbyszewski, especialmente no que respeita ao vale do Tejo, repete, com as necessárias adaptações, aquilo que antes fora a obra de Breuil e Koslowski no vale do Somme – o mesmo Somme por onde tinham também anteriormente passado todos os «pais fundadores» da Pré-História Antiga, desde Boucher de Perthes até Vitor Commont.

Não deve, pois, estranhar-se que a sequência cronológico-cultural definida por Breuil e Zbyszewski para o Paleolítico Inferior português, principalmente a partir dos seus estudos no Baixo Vale do Tejo e no litoral da Estremadura (BREUIL e ZBYSZEWSKI 1942 e 1945), reproduza no essencial o modelo do Somme – como se torna claro pela leitura da sebenta policopiada elaborada na sequência do curso ministrado por Henri Breuil na Faculdade de Letras de Lisboa, justamente na ocasião em que também desenvolvia as investigações com Georges Zbyszewski.

Segundo este modelo, sumariado aliás na obra acima citada (p. 571 e segs.), os primeiros habitantes do continente europeu deveriam datar de há cerca de 600 a 700 mil anos e seriam já possuidores da tecnologia e dos «desideratos mentais» que lhes permitiriam o fabrico de bifaces («Abbevillense»). Neste quadro, a virtual inexistência de indústrias de bifaces nas praias do litoral estremenho, onde, pelo contrário, se registava a abundância de conjuntos industriais de seixos talhados, foi sempre atribuída seja a limitações impostas pela natureza das massas iniciais ali disponíveis (seixos bem rolados e de pequenas dimensões) – explicação especialmente defendida por Georges Zbyszewski –, seja à pretensa «paralisia do engenho industrial» das populações litorais, contemporâneas daquelas que no interior produziram as indústrias de bifaces e outras ulteriores, ao longo de quase toda a Pré-história – hipótese teorizada por Virgínia Rau, entre outros.

Apenas em 1959 e certamente por influência das descobertas entretanto realizadas na África Subsahariana e dos estudos iniciados no início dos anos 1950 em Marrocos por Pierre Biberson (v., por exemplo, a obra de fundo BIBERSON 1961), admitiu Henri Breuil, muito cautelosamente, a hipótese de poderem algumas indústrias de seixos talhados identificados nos anos 40, na praias atribuídas ao Siciliano, serem classificadas como «pebble-cultures» e pertencerem a um momento cronológico anterior às indústrias de bifaces, afirmando que «certas parecem pré-abbevilenses» (BREUIL, 1959). Tratou-se, porém, de uma possibilidade emitida num momento já muito avançado, quase final, da sua vida, que por isso não viria a desenvolver, nem depois foi retomada e confirmada pelos seus imediatos colaboradores e continuadores.

2. Os anos 70

Ao longo dos anos 60 e início dos anos 70 a referência à eventualidade da ocorrência em Portugal de horizontes de ocupação humana muito antigos, anteriores ao complexo acheulense e contemporâneos do Vilafranquiano, foi principalmente defendida por autores inseridos num ambiente teórico e metodológico diverso do que havia dominado os estudos sobre o Paleolítico português nas décadas anteriores.

Referimo-nos a Vítor Oliveira Jorge e colaboradores do então Grupo para Estudo do Paleolítico Português (GEPP) (v., por exemplo, SERRÃO e JORGE, 1970, JORGE, 1972, JORGE *et al.*, 1973, LEMOS e MONTEIRO, 1975, RAPOSO e GOMES, 1975), que conferem especial atenção aos estudos dos chamados «conjuntos industriais de seixos afeiçãoados» (expressão obviamente marcada pelo cruzamento de duas influências: a da chamada «arqueologia analítica» de David Clarke, entre outros; e a dos estudos de Pierre Biberson em Marrocos, versando sobre aquilo ali ele designava por «civilização do seixo afeiçãoado»). Oliveira Jorge, por exemplo, na sua tese de licenciatura (JORGE, 1972), expressa eloquentemente essa diferente e nova aproximação, tributária muito mais da chamada «arqueologia analítica» do que da contextualização geológica, afirmando designadamente que «o Paleolítico português, em que são extraordinariamente abundantes os seixos afeiçãoados, em contraposição às ‘indústrias clássicas’ europeias, desenvolve-se ao longo de um Quaternário que tem mais de ‘africano’ que de ‘europeu’». Seguindo sistematizações como as de Lothar Zotz, afirmava que se deveria considerar três grandes épocas nestas indústrias de seixos afeiçãoados, sendo a mais antiga representada pela então chamada «*Pebble Culture* vilafranquiana», «que interessa toda a África e pelo menos parte da Europa, se não, também, a Ásia». Colocada a questão nestes termos, admitia que a expressão mais arcaica da presença humana no território português fosse corporizada por uma «pebble-culture» anterior ao Acheulense, antecessora de uma linhagem industrial sem bifaces, que se teria prolongado até épocas muito recentes: não haveria, deste modo apenas uma, mas várias «pebble-cultures».

Já antes, em 1970, tinha Oliveira Jorge, com Eduardo da Cunha Serrão, num trabalho muito inovador para a época, havia declarado «que a continuação do estudo da ‘fácies costeira’ [leia-se indústrias de seixos afeiçãoados] do Paleolítico português, como dos mais antigos terraços fluviais e depósitos de grutas, nos moldes interdisciplinares que consideramos indispensáveis, pode vir a ter uma palavra a dizer na questão da pebble culture vilafranquiana» (SERRÃO e JORGE, 1970, p. 140). A confirmação desta hipótese, no caso português, não seria no entanto evidente ou fácil, como bem assinalavam os autores citados, dadas «as más condições geológicas do nosso território no

que diz respeito a depósitos do Plistocénico inferior» (*op. cit.*, p. 364-365). Por isso, na opinião deles, deveria ser prioritária a atenção dedicada aos níveis vilafranquianos do território português (sempre que diferenciáveis dos pliocénicos), susceptíveis de conterem indústrias humanas (*op. cit.*, p. 16-17).

A falta de um adequado enquadramento geológico constituía um importante impedimento para que as hipóteses em referência pudessem ser aceites. Assim era especialmente, e muito compreensivelmente, para os autores que durante décadas tinham assente todas as suas teses precisamente naquele tipo de suporte – como era obviamente o caso de Georges Zbyszewski, cuja posição veio a ser claramente exposta na comunicação que apresentou ao chamado «Congresso de Nice», de 1976, ou mais exactamente ao IX.º Congresso da União Internacional das Ciências Pré-Históricas e Proto-Históricas – reunião científica que passou a constituir o melhor exemplo do estado da questão quanto à antiguidade e definição cultural das mais antigas ocupações humanas da Europa, tal como vista em Portugal e nos restantes países do continente, em meados dos anos 70.

Na organização do Congresso e certamente com o aval, senão o impulso, do seu secretário-geral, Henry de Lumley, já então defensor da existência na Europa de uma ocupação humana arcaica, de cronologia vilafranquiana e de conteúdo cultural pré-acheulense, foi desde logo incluído um colóquio especificamente dedicado aos temas das «primeiras indústrias na Europa», diferenciado do colóquio sobre o Acheulense. Aí se procuraram reunir os mais credenciados especialistas da altura, convidados a apresentar relatórios nacionais, que viriam a dar origem a uma síntese, ou conclusões, redigidas por Karel Valoch, claramente partidário da ideia de uma ocupação humana muito antiga, anterior à sequência clássica estabelecida no vale do Somme. Dizia Valoch: «Nous pouvons donc conclure notre colloque par la constatation que, d'après les résultats des recherches les plus récentes, les gens firent leur apparition dans la partie méditerranéenne de l'Europe il y a peut-être déjà un million cinq mille ans; de l'époque d'il y a environ un million jusque 700 mille ans, nous connaissons déjà toute une suite d'habitats se trouvant dans l'Europe Méditerranéenne et Centrale. En concluant, j'ose exprimer ma conviction que les fouilles et les études qui seront réalisées à l'avenir feront reculer cette limite chronologique du peuplement de l'Europe encore plus avant dans le passé» (VALOCH, 1976: 183).

Sendo esta a conclusão geral do Congresso, indicadora de um ponto de vista amplamente partilhado pelos participantes, é curioso notar que o contributo português é aquele que expressamente mais se lhe opõe. Georges Zbyszewski, o seu autor, é claro quando considera que «pour affirmer qu'une industrie de galets taillés est plus ancienne que l'Abbevillien et

contemporaine de la 'pebble culture' d'Afrique orientale, il faut pouvoir démontrer son âge villafranchien non seulement par sa position géologique mais aussi par des éléments faunistiques. Jusqu'ici toutes les industries paléolithiques de galets travaillés (choppers, chopping-tools, etc.) trouvées au Portugal sont plus récentes que la 'pebble culture' du Villafranchien. Apparues avec l'Abbevillien, elles se sont développées en évoluant progressivement jusqu'à l'Épipaléolithique» (ZBYSZEWSKI, 1976: 97).

Esta referência é duplamente significativa. É em si mesmo sintomático que tenha sido Zbyszewski o especialista português convidado para um colóquio onde já seria de esperar que fossem maioritariamente defendidas perspectivas contrárias às que ele defendera ao longo de décadas – este facto prova simultaneamente o prestígio que lhe era conferido e o desconhecimento ou menor consideração pelos fundamentos das ideias, ainda demasiado especulativas, que vinham sendo emitidas por investigadores portugueses mais novos e de que acima citámos o exemplo de Oliveira Jorge. Mas é igualmente sugestiva a argumentação de Zbyszewski, que justamente parece muito mais decorrer de uma demarcação interna relativamente ao pouco ou nulo fundamento geológico e paleontológico (logo, cronológico) das teses de Oliveira Jorge e colaboradores, do que de uma reavaliação dos dados portugueses à luz do estado de conhecimentos europeus da altura.

Porém, existia já então, na Península Ibérica, um sítio que, vindo ao encontro das expectativas da comunidade científica europeia, parecia comprovar a existência nesta área geográfica de uma ocupação humana vilafranquiana e pré-acheulense. Referimo-nos à estação de El Aculadero, situada no Puerto de Santa Maria, próximo de Cádiz. A nota da sua descoberta, apresentada em 1971 à Academia das Ciências de Paris por Jean Piveteau, em nome de François Bordes e Claude Viguiet, descreve a sucessão litostratigráfica observada na arriba que limitava a praia actual, junto à foz do rio Guadalete. As peças, correspondendo na sua maioria a seixos de pequenas dimensões e de talhe fruste, acompanhadas de lascas, seixos simplesmente partidos e outros resíduos, proviriam de um nível subjacente a um paleossolo muito espesso (BORDES e VIGUIET, 1971); sobre a respectiva cronologia, os autores declaram (p. 1748): «Sous réserve d'une étude plus approfondie, le sol fossile de la coupe de Puerto de Santa Maria peut donc être considéré comme d'âge Villafranchien supérieur (à post-Villafranchien immédiat), ou même plus ancien (...)».

A importância desta descoberta justificava trabalhos mais aprofundados no local, concretizados pouco depois, por Maria Angeles Querol (pré-historiadora que antes tinha sido introduzida aos estudos sobre Paleolítico no âmbito da equipa dirigida em Portugal por Oliveira Jorge, chegando a realizar uma tese de

licenciatura de orientação basicamente idêntica à do investigador português), Manuel Santonja (igualmente com intensos laços de colaboração com as mesmas equipas portuguesas), Claude Thibault (pré-historiador da equipa de François Bordes) e do próprio descobridor do sítio (geólogo de formação). As conclusões da análise tipológica do copioso conjunto a rtfactual recolhido nas escavações contudo a alterar parcialmente as expectativas iniciais. Numa comunicação apresentada ao XIV Congresso Arqueológico Nacional espanhol, os autores declaram «que las industrias recuperadas en «El Aculadero» (...) no pueden asimilarse al estadio arcaico de la Pebble-Culture de Marruecos (...). Al relacionar esta industria con los estadios de la Pebble-Culture de Marruecos, dudamos entre los estadios II («ancien») y III («évolué») (...)» (THIBAUT *et al.*, 1977: 77). Ou seja, se não reconheciam nesta indústria um conjunto tão arcaico como se chegara a supor, admitiam ainda assim a sua datação cultural e cronologicamente pré-acheulense, por assimilação à chamada «civilização do seixo afeijoadado», identificada por Pierre Biberson em Marrocos. Importa sublinhar que esta avaliação viria depois a ser sucessivamente corrigida, nas décadas seguintes. Já na monografia extensiva sobre o sítio, se reconhece a insuficiência das bases geológicas em que assentava a anterior atribuição cronológica e se admite que a indústria possa ser já contemporânea do Acheulense Antigo, justificando-se o seu aparente primitivismo pelos condicionalismos da matéria-prima local (seixos bem rolados e de pequenas dimensões). Deixa-se todavia ainda em aberto a possibilidade de tratar-se efectivamente de um conjunto arcaico, afirmando-se nomeadamente: «desde um ponto de vista técnico e tipológico, El Aculadero situa-se em algum ponto desde o ‘Pré-Acheulense’ mais antigo até ao mais próximo, incluso contemporâneo do Acheulense antigo, com o qual, prescindindo da utensilagem bifacial, vimos existirem importante paralelismos com o seu estádio inicial na Meseta – Pinedo» (QUEROL e SANTONJA, 1983: 245). Mais tarde e na sequência da revisão da datação do sítio de Pinedo, também reconhecidamente mais recente (Plistocénico Médio Recente) do que outrora se pensara (Plistocénico Médio Inicial), acabam os autores citados, e especialmente Manuel Santonja, por admitir que nada subsiste da inicial presunção de grande antiguidade para o conjunto industrial de El Aculadero (v., por exemplo, SANTONJA e VILLA, 1990).

No entanto, nos anos 1970, a presumida antiguidade do sítio de El Aculadero vinha ao encontro das expectativas existentes entre os investigadores europeus – e daí o grande impacte que teve, especialmente em Portugal (um de nós, LR, chegou mesmo a participar em 1974 e 1975 nas escavações realizadas em El Aculadero), onde foi entendido como o elemento geocronológico credível e em falta nas iniciais con-

jecturas de Oliveira Jorge e colaboradores. Abriram-se assim amplos horizontes à procura novos locais idênticos ou à revalorização de outros já conhecidos, um pouco por toda a Europa. Em 1983, por exemplo, ainda dois dos autores das escavações de El Aculadero publicavam uma síntese sobre as indústrias consideradas pré-acheulenses da Meseta, reunindo as esparsas evidências materiais então conhecidas (SANTONJA & QUEROL, 1983), e tendo já em conta os diversos casos semelhantes, crescentemente registados, desde finais dos anos 70, em zonas que iam da Catalunha até à Jugoslávia (v., por exemplo, vários artigos da obra colectiva, «La Préhistoire Française», dirigida por Henry de Lumley, em 1976; e ainda artigos como os de GUTH, 1974; BONIFAY *et al.*, 1976; MALEZ, 1976; etc.). Em todas estas regiões estariam presentes estádios pré-acheulenses, permitindo dar maior consistência e credibilidade às evidências ibéricas que apontariam para cronologias absolutas da presença humana próximas de 1 milhão de anos, senão mesmo anteriores a este limite.

O clima dominante no final da década de 1970 e inícios da seguinte era, pois, propício à multiplicação das descobertas, tendentes a fazer recuar, cada vez mais, a antiguidade da presença humana em solo europeu. Portugal não ficou à margem de tal tendência, à qual pela primeira vez aderem investigadores situados na tradição directa da chamada «escola dos Serviços Geológicos», entre os quais cumpre salientar os nomes de Carlos Penalva, João Luís Cardoso e Octávio da Veiga Ferreira... e o próprio Georges Zbyszewski, que abandonaria então a sua anterior reserva quanto a esta matéria.

São diversos os trabalhos referentes a esta fase da pesquisa sobre as mais antigas indústrias líticas do território português (v. a bibliografia extensiva incluída em RAPOSO e CARREIRA, 1986). Assim, por exemplo, a análise tipológica – com base nas «Fiches Typologiques Africaines», de Pierre Biberson – de conjuntos líticos rolados, sobre pequenos seixos achatados de quartzito (Fig. 3, n.º 1, 3 e 5), recolhidos à superfície, em restos de uma praia calabriana, ocupando plataforma somital actualmente a cerca de 150 m de altitude, cerca de Leião, em Paço de Arcos (Oeiras) (Fig. 1, n.º 3), conduziu à sua correlação com a Fase I da «Pebble-Culture» marroquina (CARDOSO e PENALVA, 1979). Concluía-se o referido estudo, o primeiro que em Portugal apontava claramente para a identificação de um local de cronologia pré-acheulense, do seguinte modo: «Outros restos daquilo que seria o litoral português no Quaternário mais antigo, revelando indústrias roladas ‘in situ’, encontram-se (...) em fase adiantada de estudos geológicos e arqueológicos. Pensamos que as informações fornecidas por estações como estas (...) só evidenciam o valor do trabalho em comum que deveria existir entre geólogos e pré-historiadores, indispensável ao conhe-



Fig. 1 – Distribuição geográfica dos sítios pré-Acheulenses mais importantes do território português: 1 - Bouro; 2 - Seixosa; 3 - Alto de Leião; 4 - Baixa da Banheira; 5 - Peru; 6 - Arcos; 7 - Basteza da Mó.

Fig. 1 – Geographic distribution of the most important pre-Acheulian portuguese sites: 1 - Bouro; 2 - Seixosa; 3 - Alto de Leião; 4 - Baixa da Banheira; 5 - Peru; 6 - Arcos; 7 - Basteza da Mó.

cimento das condições e extensão dos primeiros povoamentos humanos processados nesta finisterra da Europa e das suas relações com os equivalentes, noutras partes dos continentes europeu e africano» (p. 193-194).

Seguindo a linha preconizada, das prospecções depois realizadas em níveis do ciclo calabriano, a norte da serra de Sintra, resultou a identificação, entre outros, do sítio da Seixosa, no concelho de Mafra (Fig. 1, n.º 2; Fig. 4, em cima). Trata-se de retalho de praia marinha, com cerca de 1000 por 500 m, desenvolvendo-se aproximadamente a 150 m de altitude. É constituído na base por areias finas micáceas, com laivos amarelados e avermelhados e na parte superior por cascalheira de pequenos e médios seixos de quartzito, embalados em matriz areno-argilosa amarelada. A descoberta de seixos supostamente talhados

in situ (Fig. 2) permitia concluir que «a descoberta de material (lítico) nas formações até agora consideradas como pliocénicas, abre novas perspectivas sobre a antiguidade do Homem no nosso território»— afirmação que era feita em comunicação que teve como primeiro subscritor Georges Zbysezewski e foi apresentada à Academia das Ciências de Lisboa (ZBYSEZEWski *et al.*, 1981/1982), possuindo assim o simbolismo da «oficialização» da adesão a estas teses por parte das «escolas» e instituições portuguesas que mais lhes tinham sido adversas, na fase inicial do seu lançamento. Situação geológica semelhante à da Seixosa, possui o retalho de praia marinha, a cerca de 150 m de altitude, da serra de Bouro, a Norte de Foz do Arelho (Fig. 1, n.º 1). Ali foi recolhida (JLC) uma lasca sobre seixo de quartzito *in situ*, com levantamentos periféricos (Fig. 3, n.º 4).

3. A década de 1980

Boa parte desta década foi favorável à prossecução dos argumentos tendentes a fazer recuar, cada vez mais, a antiguidade do Homem na Europa. Assim, a grande exposição patente ao público no Museu do Homem (Paris) entre 1981 e 1983, sobre «Os primeiros habitantes da Europa», contemplou numerosos locais europeus, supostamente situados entre 1,500 000 e 0,7 milhões de anos. Mais uma vez o convite para a participação portuguesa foi dirigido aos Serviços Geológicos de Portugal, mas desta vez a contribuição recebida foi plenamente ao encontro das expectativas existentes. Assim, por exemplo, o sítio da Seixosa, ali representado, é referido como «une plage fossile, actuellement à 150 m d'altitude, constituée au moment de la baisse du niveau des mers (régression postcalabrienne) qui s'est produite il y a 1 150 000 ans au début de la longue période glaciaire de Günz. Des industries archaïques attribuées à la 'Pebble Culture' ont été trouvées, en place, dans cette plage (...) et prennent place parmi les plus anciennes industries du continent européen» (LUMLEY, dir. de, 1982).

É também neste contexto que se insere o estudo, datado de 1979 das indústrias líticas da península de Setúbal (Fig. 1, n.º. 5 a 7), de características afins das do Alto de Leião e da Seixosa (Fig. 3, n.º. 2). Tal como naqueles dois sítios, o depósito correlativo corresponde a cascalheira de características marinhas – designada Formação de Belverde – e foi atribuída, por critérios geológicos, ao Calabriano, sendo anterior a episódio detritico continental, representado pela Formação Vermelha de Marco Furado, atribuída ao Vilafranquiano Médio (AZEVEDO *et al.*, 1979). Seguiu-se a identificação de outros locais igualmente integrados numa faixa cronológico-cultural pré-acheulense, alguns deles publicados em obra de conjunto, logo do início da década seguinte (CARDOSO, ŻBYSZEWSKI e ANDRÉ, 1993). Ainda que porventura menos sólidos quanto à base material (arqueológica e geológica) em que assentavam, eles tiveram o efeito de reforçar, e alargar espacialmente até ao Algarve (caso do sítio de Mirouço), as observações anteriores, levando à elaboração de visões de sínteses como a de Veiga Ferreira (FERREIRA, 1984).

O apogeu do movimento favorável a uma extrema antiguidade da presença humana na Europa, foi atingido no final da década de 1980, no simpósio «Les premiers peuplements humains de l'Europe» (Paris, 1989), sob a direcção de Eugène Bonifay e Bernard Vandermeersch, cujas actas foram publicadas em 1991. São deles as seguintes palavras conclusivas: «Les données archéologiques concernant les premiers peuplements humains de l'Europe permettent donc de mettre en évidence un certain nombre de faits: – il paraît peu douteux que les premières apparitions des Hominidés en Europe soit très précoce, antérieure à

2 M.a., peut-être même vers 2,5 M.a. (Espagne, Sud-ouest de la France, Massif-central français, Roumanie). Mais les traces de ces premiers peuplements restent peu nombreuses et les industries correspondantes représentées par des découvertes d'objets isolés ou par de petites séries lithiques peu abondantes; – entre 1 et 2 M.a., la présence humaine est confirmée par de nombreux sites, parfois relativement riches, nous permettant d'obtenir une image assez précise de la typologie et des techniques de l'outillage lithique; – entre 1 et 0,6 M.a., enfin, l'outillage s'affine, se diversifie et commence à se spécialiser et à se standardiser. Certains faciès appartenant au très Ancien Paléolithique perdurent peut être dans certaines régions (Pays-Bas) jusqu'au début du Riss; – les sites les plus anciens (plus d'un million d'années) sont tous situés dans la partie méridionale de l'Europe...» (BONIFAY e VANDERMEERSCH, 1991 : 316).

Curiosamente, porém, repete-se no mesmo congresso a situação que já ocorrera no «congresso de Nice» de 1976, mas desta vez protagonizada por um investigador espanhol, Emiliano Aguirre. Convidado para ali apresentar um relatório sobre as mais antigas indústrias líticas da Península Ibérica, este autor apresenta uma perspectiva muito céptica quanto à matéria em debate, afirmando que «comme conclusion, les débuts de l'Acheuléen en Espagne sont de peu postérieurs à l'inversion magnétique Matuyama/Brunhes. Dans le Cromérien, et peut être même avant, on trouve des ensembles où les galets aménagés sont abondants et mélangés avec des outils de type acheuléen ancien.» Ou seja, nesta perspectiva, não existiriam provas de qualquer ocupação humana pré-acheulense, atribuível ao Plistocénico Inferior.

À posição de Aguirre não terão por certo sido estranhos alguns trabalhos entretanto publicados em Portugal, desenvolvendo uma linha argumentativa idêntica, embora menos radical (um de nós, LR, foi aliás solicitado previamente por Aguirre para lhe fornecer elementos que pudessem alicerçar a comunicação que ele iria apresentar no Congresso de Paris). Admitia-se nesses trabalhos, datados de meados da década de 80, que embora pudesse existir uma ocupação humana pré-acheulense, ela não estava ainda cabalmente demonstrada. Este ponto de vista é assumido internacionalmente em artigo de síntese publicado no «Bulletin de la Société Préhistorique Française», onde se conclui que «quelques trouvailles récentes, surtout celles de Seixosa, semblent être, cependant, prometteuses et devront être dans l'avenir mieux analysées. Rien n'empêche, en effet, qu'il existe dans le littoral portugais un ou plusieurs complexes industriels Pré-Acheuléens. Plus que possible, une telle hypothèse est tout à fait probable. Cependant, les preuves jusqu'ici réunies ne permettent pas de l'affirmer en toute évidence» (RAPOSO, 1985: 179). Nestes termos, as indústrias mais antigas inques-

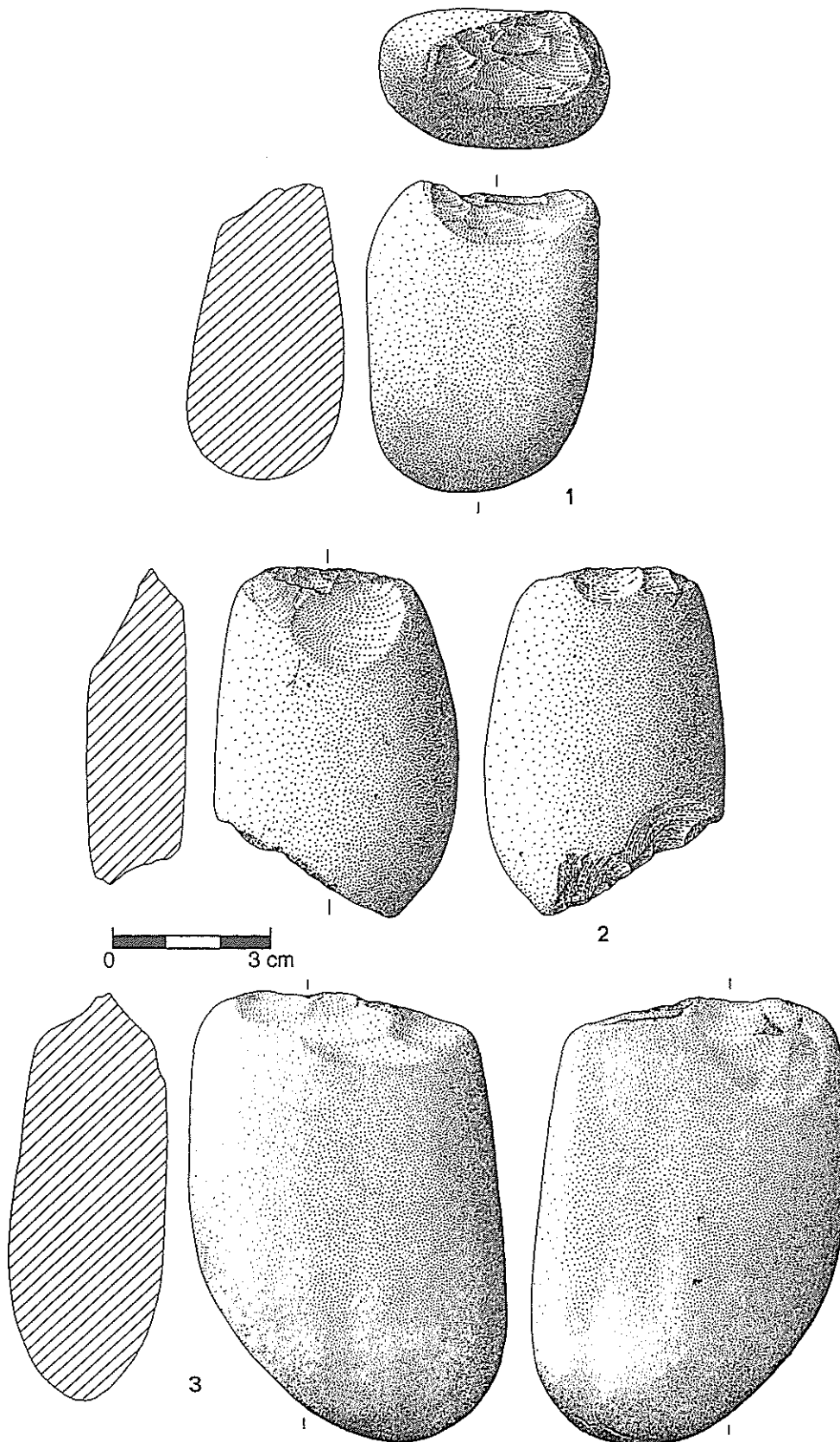


Fig. 2—Seixos afeiçoados de Seixosa. Quartzito. (Desenhos de B. L. Ferreira).
Fig. 2—Pebble tools of Seixosa. Quartzite. (Drawns by B. L. Ferreira).

tionavelmente documentadas em Portugal remontariam apenas ao Acheulense (Mindel/Riss, ou, com algumas reservas, ao Mindel). Mas sublinhava-se que o tipo de reservas expressas deveriam ser extensíveis a outras regiões europeias: «En mettant en cause les trouvailles du littoral atlantique occidental de la Péninsule Ibérique, on doit chercher à utiliser le même critère rigoureux et mettre également en cause, peut-être à d'autre degrés, celles d'autres régions, indépendamment de la divulgation et de la acceptation qu'elles aient pu obtenir jusqu'à aujourd'hui» (*id.*, *ibidem*).

Era aqui evidente a sugestão da necessidade de proceder a uma reconsideração mais alargada de toda a problemática relacionada com as mais antigas ocupações humanas da Europa – perspectiva que viria a ser retomada em estudo desenvolvido sobre a mesma matéria, publicado no ano seguinte em conjunto com Júlio Roque Carreira (RAPOSO e CARREIRA, 1986), e no qual participariam, sob a forma de comentários finais, diversos autores portugueses e estrangeiros, defendendo maioritariamente pontos de vista igualmente muito reservados quanto à positiva identificação de ocupações humanas muito antigas na Península Ibérica, com exceções, incluindo um de nós (JLC). Vale a pena citar, a propósito, a seguinte passagem do comentário de Manuel Santonja, uma vez que nela este autor, um dos responsáveis pelo estudo do sítio de El Aculadero, marca uma importante inflexão nas suas anteriores posições sobre a matéria: «Un análisis crítico estricto creemos por ahora conduciría a dudar de la presencia humana en el continente europeo antes de en torno a un millón de años del presente... Las evidencias referidas a momentos anteriores o no pasan de indicios – cuando se trata de piezas aisladas en posición estratigráfica bien definida – o existen grandes dificultades para precisar una data – caso de El Aculadero –, en ausencia de criterios faunísticos, estratigráficos o radiométricos suficientes, aunque como en el ejemplo mencionado se trate de un conjunto lítico representativo y homogéneo» (SANTONJA 1986: 82). A posição aqui expressa viria depois a ser desenvolvida em textos posteriores pelo mesmo autor, como já indicámos anteriormente, até um ponto em que reconhece não existirem provas geológicas bastantes para garantir uma antiguidade considerável para o sítio de El Aculadero, havendo, pelo contrário, indícios tecno-tipológicos (por exemplo, a presença de núcleos discóides) que o poderiam colocar em momento avançado do Plistocénico Médio, sendo o carácter aparentemente arcaizante da indústria local (dominada por seixos de talhe simples) devido a limitações da matéria-prima disponível.

4. A década de 1990

No decurso da última década, a argumentação contrária à aceitação de uma antiguidade muito grande

para a primeira ocupação humana da Europa assumiu aspectos mais radicais, chegando-se ao ponto de defender que não existiriam provas de uma tal presença em momentos anteriores a cerca de 500 000 anos. Tal foi a posição defendida em 1993 no chamado «colóquio de Tautavel», promovido pelo comité coordenador de um grupo de trabalho da Fundação Europeia de Ciência, constituído precisamente para realizar uma reapreciação da «Ocupação Paleolítica da Europa».

Nas actas desta reunião científica, concluem designadamente os respectivos editores: «By our reading of evidence, there is a difference between the European 'archaeological' record from before the *Arvicola terrestris cantiana* time range (for convenience sake here: from about 500 kyr BP) and later one. Before 500 kyr virtually all finds come from a disturbed, coarse matrix, afterwards we have primary context sites in fine-grained deposits. The assemblages dating from before 500 kyr are virtually all the result of selection of isolated pieces from natural deposits; younger ones are often excavated from knapping floors. In view of the attributes of the 'artefacts' and contexts of pre-500 kyr BP sites we instead interpret these differences as indicating that there is no indisputable proof for human occupation of Europe prior to about 500 kyr BP. The first primary context sites with good archaeological evidence date from a later period within the Middle Pleistocene, possible from about OIS 13 onwards.» (ROEBROEKS e VAN KOLSCHOTEN, 1995: 308).

Esta posição, que passou a ser conhecida como a tese das «cronologias curtas», foi também genericamente defendida no mesmo colóquio pelos dois participantes convidados a apresentarem o tema referente à Península Ibérica (Luis Raposo e Manuel Santonja). Registam-se, porém, significativas diferenças relativamente à versão mais radical da tese emergente do dito colóquio. Assim, embora se considere no artigo dos dois autores citados que «the oldest human traces in the Iberian peninsula must be dated to the initial Middle Pleistocene», assinala-se que «their exact date, however, is not well established, since most sites are dated by relative morphostratigraphical criteria.» Acrescenta-se ainda que estas indústrias «are very scarce... Bifaces have not yet been discovered but this may be due to the sample size. The first significant and relatively well-dated Iberian industries have already the kind of large cutting tools used to define the Acheulean (*sensu lato*)» (RAPOSO e SANTONJA, 1995: 19). Não se nega ali, *in limine*, a possibilidade da existência na Península Ibérica de indústrias pré-acheulenses, hipótese que apenas se afirma dever ser tratada com grande cautela: «Consequently, the idea, accepted in the last two decades, of the existence of a pre-Acheulean industrial stage in Iberia, in the form of the so-called «pebble-cultures», must be treated with caution» (*id.*, *ibidem*). Ou seja e em conclusão:

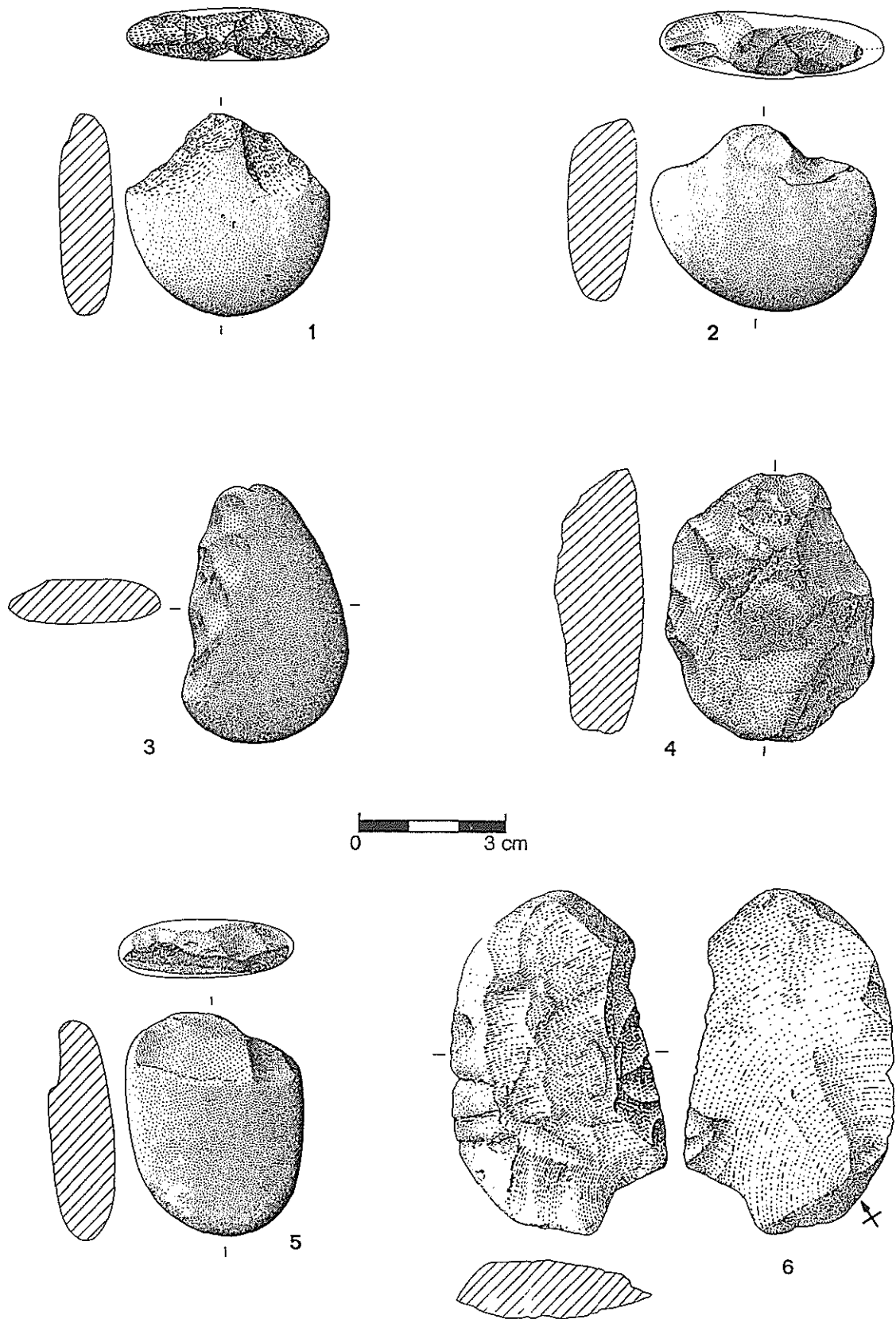


Fig. 3 – Seixos afeiçoados e lascas de quartzo (6) e de quartzito (7) de sítios pré-Acheulenses portugueses: Alto de Leião, Oeiras – 1, 3, 5; Formação de Belverde – 2; Bouro – 4; Baixa da Banheira (Formação de Marco Furado – 6 (desenhos de B. L. Ferreira).

Fig. 3 – Pebble tools, quartz (6) and quartzite flakes (4) from pre-Acheulian portuguese sites: Alto de Leião, Oeiras – 1, 3, 5; Belverde Formation – 2; Bouro – 4; Baixa da Banheira (Formação de Marco Furado – 6 (drawns by B. L. Ferreira).

defende-se que os dados da Península Ibérica permitem admitir a existência de ocupações humanas atribuíveis a uma fase inicial do Plistocénico Médio, ou mesmo ao final do Plistocénico Inferior, reconhecendo que a não verificação de bifaces em alguns desses locais mais antigos pode ficar a dever-se quer à mera insuficiência das amostragens quer a real ocorrência de fases culturais pré-acheulenses. Esta perspectiva encontra-se reforçada por nota final, adicionada ao texto original da comunicação, onde com base em testemunhos entretanto divulgados (citam-se os sítios de Venta Micena, datado pela fauna entre 1,6 e 0,9 milhões de anos, e de Atapuerca-TD 6, datado de cerca de 0,8 milhão de anos), se admite que novas descobertas venham a fazer rever as ideias expressas, obrigando a de novo recuar os limites cronológicos da mais antiga ocupação humana ibérica.

A sugestão referida seria retomada logo de seguida, no Congresso Internacional de Orce, realizado ainda em 1995, mas de que apenas se viriam a publicar as actas em 1999. Estas incorporariam já em diversos artigos e especialmente no texto de síntese, a cargo dos organizadores e editores do volume, numerosas referências e reacções ao «Colóquio de Tautavel», como se documenta pelas seguintes passagens: «Sin duda alguna la 'short chronology' ha muerto, con todas sus variantes y redondeos. Debemos trabajar ahora con la perspectiva de la 'long chronology' y la continuidad en la ocupación humana de Europa a partir de los 2 millones de años, o antes...»; «postulamos que *Homo* sale de Africa a los 2,4 millones de años y coloniza: Europa por Gibraltar (y quizás también por Mesina o el istmo de Estambul), Oriente Medio (yacimiento de Yron, con 2,4 millones de años), Caucaso (Dmanisi) y Asia (Longgupo?). Según esta hipótesis pueden encontrarse restos humanos en el Plio-Pleistoceno de Italia, de Grecia, de Rumania, de Turquía..., es decir, todos los países ribereños del Mediterráneo. Creemos también que hay una edad límite: la que coincide con la formación del género *Homo* y las crisis climáticas (de 2,6-2,4 millones de años)» (CLOLS, 1995: 12-13).

O ponto de vista defendido por Gibert Clols é em grande medida alicerçado nos sítios da depressão de Guadix-Baza, que o mesmo autor, no quadro de uma equipa interdisciplinar muito ampla, vem estudando há muitos anos. É conhecida a grande controvérsia que estes locais têm despertado junto da comunidade científica internacional, tanto pela atribuição humana de restos fósseis e pedras lascadas, como pelos critérios de posicionamento estratigráfico e datação de sítios particulares. Mesmo autores que defendem uma presença humana antiga (isto é, do final do Plistocénico Inferior) na Península Ibérica, exprimem sérias reservas na aceitação das observações da «equipa de Orce» relativas a testemunhos de presença humana muito mais antigos do que cerca de 1 milhão de anos, apenas

admitindo a validade de um ou outro local datado daquele momento (por exemplo, Fuente Nueva 3, que entretanto deu também origem a uma importante nota apresentada à Academia das Ciências de Paris e subscrita por investigadores muito credenciados: TIXIER *et al.* 1995). Incluem-se neste caso os membros da chamada «equipa de Atapuerca», com Eudald Carbonell e Juan Luís Arsuaga à cabeça (v., por exemplo, ARSUAGA e MARTÍNEZ, 1998, p. 232), os quais apresentam, pelo seu lado, um outro e porventura actualmente o mais sólido pacote de dados, obtidos a partir da sequência estratigráfica muito rica da chamada Gran Dolina, situada na Serra de Atapuerca, próximo de Burgos.

Um colóquio internacional organizado nesta cidade em 1996 constituiu um novo e importante marco na história das investigações sobre estas matérias. Nas respectivas actas, publicadas, em 1998, afirma-se em tom conclusivo: «Como consecuencia de los últimos hallazgos en la Europa meridional (Italia: Ceprano; España: Atapuerca TD4, Fuente Nova 3-Granada), se plantean hipótesis sobre el primer poblamiento de nuestro continente, alternativas a la hipótesis de una primera colonización hace no más de 500.000 años. Se puede trabajar con la hipótesis de un primer poblamiento del sur de Europa hace en torno de 1,0 Ma.» (BÉRMUDEZ DE CASTRO, 1998: 61).

Uma palavra particular, a encerrar esta nossa tentativa de síntese da história das pesquisas, é devida em relação à situação específica do território português. Recordamos que as sínteses dos anos 1980 tinham parecido chegar a um impasse total, patente na mais radical das apreciações que diversos autores (inclusive um de nós, LR) defenderam: a da negação da intencionalidade do talhe nos conjuntos líticos para que se reclamavam então cronologias pré-acheulenses (v., por exemplo, RAPOSO e CARREIRA, 1986: 46 e segs.). Ora, também aqui é preciso acrescentar algo mais, resultante da aprendizagem dos anos 1990. Mantêm-se obviamente válidos diversos postulados críticos nos anos 1980, a saber: não existem, em matéria de definição do carácter antrópico do talhe da pedra, «argumentos de autoridade» indiscutíveis; no limite, não é possível ser afirmativo, em qualquer dos sentidos, face a peças isoladas, ou mesmo em certa quantidade quando provenientes de ambientes sedimentares de alta energia (como, obviamente, é o caso das cascalheiras marinhas e fluviais); não existem razões históricas ou antropológicas para pensar que o talhe da pedra evoluiu, quase que biologicamente, «do mais simples para o mais complexo» e que, portanto, é natural apenas encontrar peças ambíguas nos períodos mais antigos; apenas o achado de blocos (núcleos ou seixos talhados) e respectivas lascas, susceptíveis de definirem cadeias operatórias, pode constituir prova irrefutável de acção antrópica; etc., etc. Mas a verdade é que o alargamento das colecções de seixos talhados prove-

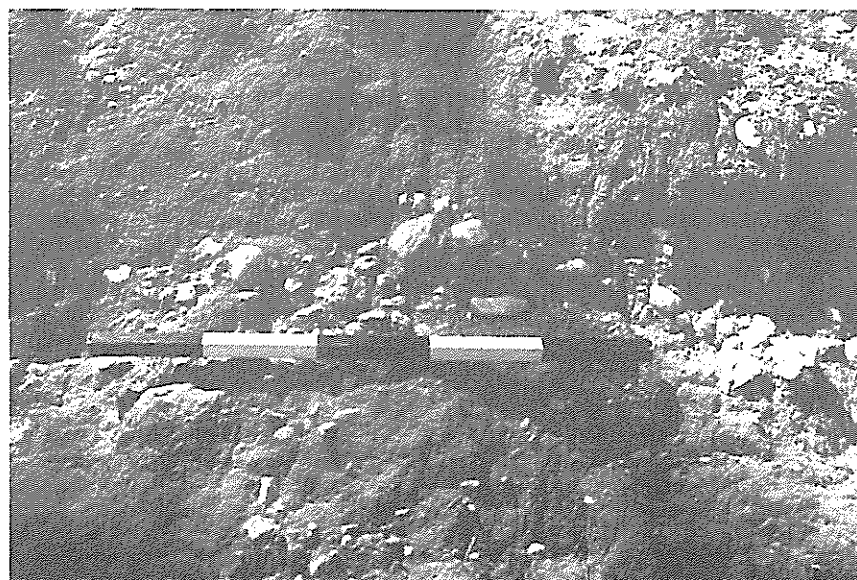


Fig. 4 – Vista parcial dos sítios de Seixosa (em cima) e da Baixa da Banheira (em baixo), onde uma lasca afeçoada de quartzo pode ver-se *in situ*, no centro da figura (ver Fig. 3, n.º 6).

Fig. 4 – Partial view of Seixosa site (above) and Baixa da Banheira site (below), where a quartz, flake tool (see Fig. 3, no. 6 can be seen *in situ*, in the centre of the figure).

nientes de alguns dos locais identificados nos anos 1970 e 1980 é hoje de molde a reconhecermos (como o fazemos ambos os autores deste texto) o carácter

intencional humano de alguns desses espécimes ou, pelo menos, a aceitarmos como legítima a convicção do mesmo, noutros. Este reconhecimento, aliado à

evolução dos conhecimentos e dos modelos explicativos desenvolvidos na região circum-mediterrânica, adiante referidos, faz toda a diferença: passa a «merecer a pena» olhar novamente para esta realidade, posto que nela se reconheça, positiva ou hipoteticamente, a acção humana. Todas as dúvidas subsequentes (proveniência estratigráfica dos verdadeiros artefactos; datação das formações geológicas; etc.) voltam a merecer análise, recorrendo, eventualmente, a escavações arqueológicas, jamais realizadas em nenhum dos locais até ao presente identificados como mais promissores, com destaque para a Seixosa e a Península de Setúbal. Nesta última região, recentes descobertas tornam a discussão mais interessante: referimo-nos à recolha de uma lasca, sobre seixo de quartzo mal rolado, de talhe claramente intencional (Fig. 3, n.º 6), *in situ*, em corte junto do cemitério da Baixa da Banheira (Fig. 1, n.º 4; Fig. 4, em baixo); trata-se de depósito detritico grosseiro pertencente à Formação de Marco Furado, a qual, por critérios estratigráficos e pedológicos, não poderá ser ulterior ao Vilafranquiano Médio (AZEVEDO *et al.*, 1979).

5. Concluindo

Chegámos, pois, na actualidade, a um ponto em que todas as posições já foram defendidas, frequentemente com inversão da tomada de posição dos investigadores envolvidos, nas três últimas décadas. Autores, inclusive portugueses e nos quais nos incluímos nós próprios, que em determinada fase defenderam «cronologias curtas» (ou «mais ou menos» curtas) vieram depois a aceitar o fundamento de «cronologias longas» (ou «mais ou menos» longas); e vice-versa, frequentemente em tempos diferentes, promovendo a continuação de um debate em que a prospectivação da história das pesquisas, conforme procurámos traçar neste trabalho, se torna essencial à compreensão dos pontos de vista expressos em cada momento.

Acresce que entre as duas teses mais radicais em confronto («cronologias longas», entendidas como a aceitação de presenças humanas na Europa remontando até há cerca de 2 milhões de anos, ou até algo antes; e «cronologias curtas», entendidas como a limitação de tais testemunhos apenas até há cerca de 500 mil anos), existem hoje diversas posições intermédias, das quais destacamos a que parece emergir como síntese mais partilhada: a aceitação da validade de locais datados até há cerca de 900 a 700 mil anos, ou seja, até ao final do Plistocénico Inferior ou inícios do Plistocénico Médio. Aqui se poderiam incluir sítios ibéricos como os dos níveis da base da Gran Dolina de Atapuerca (TD4 a TD6) e Fuente Nueva 3. Noutras regiões da Europa meridional, estações equivalentes poderiam ser as de Isernia la Pineta (Itália) ou Vallonnet (França), mas sempre com reservas por

parte de alguns investigadores, reservas que parecem mesmo ser maiores do que as referentes aos sítios peninsulares citados.

Para que as teses em confronto, com todas as suas variantes, possam ser plenamente entendidas é, no entanto, fundamental inserir quaisquer descobertas particulares, inclusive as portuguesas, num quadro geográfico e conceptual mais alargado, quer do ponto de vista da história das pesquisas, quer do ponto de vista das bases empíricas e dos modelos teóricos utilizáveis. Em nota recentemente publicada, um de nós apresentou um contributo neste sentido (RAPOSO 2000). Aí se chama atenção para a importância de locais como os de Dmanisi, na Geórgia, situado às «portas da Europa», ou de Ubeydiya, em Israel, situado no corredor sírio-palestino.

Tendo em conta estes dados, poderia hoje sugerir-se a ideia de que o já chamado *Homo antecessor*, tal como definido em Atapuerca, poderia representar não o primeiro, mas o último elo de uma população cuja presença na Europa poderia (e deveria mesmo) ser muito mais antiga – hipótese que continua, todavia, a encontrar grandes resistências, quando se observam os dados, na perspectiva ampla acima sugerida. Sabemos hoje, com efeito, que a humanidade se encontrava já nas vizinhanças imediatas da Europa há pouco mais de 1 milhão de anos. No sítio de Ubeydiya, acima citado, reconheceu-se uma sequência estratigráfica muito rica em indústrias líticas e em restos faunísticos, onde se misturam espécies africanas, asiáticas e europeias (v., por exemplo, BAR-YOSEF e GOREN-IBNAR, 1993). Com base nas características da referida associação, a ocupação humana do local foi situada entre 1,4 a 1,5 milhões de anos. No outro extremo da envolvente mediterrânica da Europa, na zona de Casablanca, em Marrocos, os trabalhos realizados nas últimas décadas pelas equipas franco-marroquinas ligadas ao Instituto do Quaternário de Bordéus e dirigidas, entre outros, por Jean-Paul Raynal (RAYNAL *et al.*, 1995), demonstraram igualmente a ocorrência de ocupações humanas há cerca de 1 milhão de anos. Acontece, porém, que em ambos estes locais e regiões se verifica presença de bifaces e machados de mão, de clara tradição africana, revelando que estas populações devem ser já incluídas no contexto acheulense.

A pergunta que emerge daqui e que os defensores de «cronologias longas» pré-acheulenses têm dificuldade em responder é da de saber porque teria na Europa existido e sobrevivido até tão tarde (cerca de 600 mil anos) um horizonte cultural com tais características, quando em toda a envolvente Sul e Oriental do continente já existiam indústrias acheulenses, desde há mais de 1 milhão de anos, talvez desde há cerca de 1,5 milhão de anos?

É neste contexto que os achados de Dmanisi podem afigurar-se muito importantes. No início dos anos 90 já ali fora detectada uma mandíbula humana

de morfologia muito primitiva, mas as indicações cronológicas então disponíveis, apontando para cerca de 1,5 a 2 milhões de anos, pareciam insuficientes uma vez que ou apenas estabeleciam um limite *ante-quem* (datação pelo método do Potássio-Argon de uma camada basáltica subjacente ao horizonte fossilífero) ou podiam não ser conclusivas (datação bioestratigráfica, tendo por base o carácter arcaico da associação faunística registada, que no entanto poderia corresponder a manifestações de endemismos, conhecidas na região transcaucásica). A continuação dos trabalhos no local permitiu no entanto descobrir recentemente (GABINIA *et al.*, 2000) não apenas outros restos humanos (dois crânios, um de adolescente feminino, outro de jovem adulto masculino), que confirmaram a natureza primitiva da população em presença (taxonomicamente incluída no âmbito do *Homo ergaster* africano), com uma indústria lítica já abundante (cerca de 1 milhar de artefactos) e na qual se regista a ausência total de utensílios de tipologia acheulense, sem que, segundo afirmam os descobridores, possam para o efeito ser invocadas limitações especiais resultantes da natureza (dimensões, morfologia, qualidade isotrópica, etc.) da matéria-prima disponível.

É talvez ainda demasiado cedo para aceitar plenamente a argumentação da equipa de Dmanisi em favor da confirmação de uma datação tão antiga (1,5 a 1,8 milhões de anos) para o horizonte de ocupação humana ali detectado. Mas a positiva identificação dos fósseis humanos como *Homo ergaster*, a confirmar-se, reforça notavelmente uma tal presunção. Atenta a situação do local no extremo norte do imenso corredor biogeográfico que constitui o acidente tectónico de placas a que em África chamamos de Grande Rift, torna-se sedutora a ideia de uma primeira expansão humana inicial para fora do berço africano, por parte de populações pré-*erectus*, acompanhando movimento idêntico por parte das populações animais das pradarias. Se tal humanidade seria também culturalmente pré-acheulense é algo que deixa mais dúvidas. Aliás, ainda que assim fosse e como sublinham os investigadores de Dmanisi, não é nada evidente que este facto possa ser invocado no sentido de uma qualquer precoce migração humana em direcção à Ásia e/ou à Europa, regiões onde os mais antigos fósseis humanos conhecidos não apresentam qualquer semelhança com o *Homo ergaster* africano. Dizem nomeadamente os investigadores de Dmanisi: «A idade antiga dos homínidos de Dmanisi, que antecede a mais antiga ocorrência do género *Homo* na Europa Ocidental em mais de meio milhão de anos, suporta o ponto de vista de que a Europa Ocidental foi ocupada relativamente tarde na evolução humana e explica talvez a falta de continuidade morfológica entre ambas as regiões. O sítio de Dmanisi sugere uma dispersão rápida a partir de África até ao Cáucaso pela via do corredor levantino, aparentemente seguida de uma colonização

muito mais tardia das áreas europeias adjacentes» (GABINIA *et al.*, 2000: 1025). Ora, mesmo aceitando as teses das «cronologias longas», por pouco mais tardia que tal colonização tivesse sido, ela nunca poderia porventura deixar de ser incluída no horizonte cultural acheulense, como nos demonstra o sítio de Ubeidiya, pouco mais recente do que o de Dmanisi.

Seja como for, os dados de Dmanisi, associados às características morfológicas dos fósseis de Atapuerca (distintos do chamado *Homo heidelbergensis*, ou seja, aparentemente mais plesiomorfos, porventura mais próximos de uma população original *habilis* ou *ergaster*), permitem relançar todos os cenários, que já Nicolas Rolland tinha sugerido (ROLLAND 1992), relacionados com a possibilidade da ocorrência de migrações muito arcaicas, em fase culturalmente pré-acheulense, para fora de África, atingindo-se regiões mais setentrionais, como a europeia, e havendo depois importantes descontinuidades ocupacionais (lembrese, a propósito, o quadro de uma Europa « vazia ou apenas ocupada intermitentemente » para a maior parte da história humana, isto é, durante o Paleolítico Inferior Arcaico, a que já se referia Robin Dennell – DENNELL, 1983). Mesmo que pouco provável, e porventura demasiado especulativa na base dos conhecimentos actuais, volta a ser possível emitir a hipótese de ter existido uma primitiva ocupação da Europa, há mais de 1,5 milhão de anos, por parte de grupos humanos ante-*erectus* ou ante-*heidelbergensis* (chamemos-lhes *Homo antecessor*, se quisermos), integrados em estágio cultural pré-acheulense. Neste cenário, pode ainda sugerir-se que estas populações tenham ficado isoladas, deixando de receber novos impulsos biológicos e culturais a partir do corredor levantino e transcaucásico, acabando por extinguir-se, sem continuidade evolutiva para o Acheulense, que seria introduzido na Europa por novas migrações, de grupos integráveis já no conceito de *Homo heidelbergensis*. Uma tal hipótese permitiria compreender, por um lado, a raridade dos vestígios pré-acheulenses e, por outro lado, explicaria o facto de não haver na Europa, contrariamente ao que se passa em África, sinais evidentes de uma evolução gradual das indústrias de seixos talhados para as indústrias de bifaces, ou seja, do Pré-Acheulense para o Acheulense. Este último, como tem sido notado, chegaria à Europa «já construído».

Este conjunto de dados permite concluir que, no estado actual dos conhecimentos sobre a mais antiga ocupação humana na bacia do Mediterrâneo, continua a ser possível a defesa de posições muito diferenciadas, seja quanto à datação de uma tal presença, seja quanto às suas características culturais. É certo que parece existir nos últimos anos alguma aproximação de pontos de vista entre as duas teses básicas em confronto («cronologias longas» e «cronologias curtas»),

abandonando ambas as suas versões mais extremas e convergindo na aceitação de antiguidades em torno de 1 milhão de anos. Mas poderá tratar-se um consenso um tanto equívoco, porque das duas uma: ou existe de facto na Europa um horizonte cronológica e culturalmente pré-acheulense – e neste caso, embora podendo ter sobrevivido até muito tarde, em situação de isolamento, ele terá necessariamente de remontar a mais de 1 a 1,5 milhão de anos para ser anterior à comprovada ocorrência do Acheulense no Norte de África e na Próximo Oriente após essa data; ou tal horizonte não existe – e todos os locais onde se pretende tê-lo verificado não poderão ser anteriores às datas acima indicadas, devendo a inexistência neles dos «large cutting tools» acheulenses ser apenas devida a condicionamentos da matéria-prima, particulares funcionais ou mera insuficiência das amostragens.

Mais do que há alguns anos atrás, quando os defensores de ambas as teses as confrontavam asperamente, existem agora condições para que, sem prescindirmos dos nossos respectivos argumentos, possamos admitir a viabilidade conceptual do ponto de vista contrário. É o objectivo profundo do presente texto, subscrito por dois autores que no passado recente (v., por exemplo, RAPOSO e SANTONJA, 1995; CARDOSO, 1996) e mesmo hoje, avaliam de forma diversa os dados disponíveis, em Portugal e na restante Europa. Com efeito, pretendemos aqui sublinhar que o verdadeiro sentido da aproximação entre «cronologias longas» e «cronologias curtas» estará não tanto na tentativa, espúria em termos científicos, de encontrar «pontos de equilíbrio» entre ambas as teses, mas no facto de existirem na actualidade modelos teóricos que permitem «dar sentido» a qualquer delas. E sendo assim, aquilo que verdadeiramente importa a partir daqui e como orientação para o futuro é trabalhar no sentido de aprofundar a tornar menos equívoca a base de dados empírica em que todos nos fundamentamos, permitindo que ela constitua elemento de validação dos modelos explicativos a que recorremos.

É este o sentido das reflexões mais recentes produzidas por algumas equipas que estudam estas matérias, reflexões às quais aderimos por inteiro. Porque existe viabilidade, pelo menos teórica, volta hoje a «valer a pena» investir seriamente na prospecção e escavação de novos sítios suposta (ou realmente) pré-acheulenses, assim como na retoma dos trabalhos noutros já conhecidos. Citamos a propósito o programa de pesquisa que a equipa de Atapuerca sugere como orientação próxima para o caso da Península Ibérica: «é preciso realizar um trabalho de acompanhamento das escavações de urgência (traçados auto-estradas, etc.) que ocorrem em terrenos fluviais-lacustres ou cársicos, perante a eventualidade de, ao produzirem cortes profundos e túneis, poderem aparecer ocupações em depressões com depósitos sedimentares a dezenas de metros de profundidade... dever-se-ia realizar

um programa de datações radiométricas e paleomagnéticas de todos os terraços altos das grandes bacias fluviais e lacustres que permita conhecer com segurança a sua cronologia... seria preciso desenvolver um programa de prospecções sistemáticas e de sondagens em ambientes quaternários estratégicos tanto continentais como marinhos... deveríamos levar a cabo sondagens em grande cavidades cársicas dos sistemas mais importantes e melhor situados» (CARBONELL *et al.*, 2000: 14-15).

A situação no território português inscreve-se plenamente neste quadro, talvez com ênfase maior na necessidade de revisão das formações marinhas litórais e na absoluta carência de datação das mesmas, através de critérios alternativos aos dos tradicionais argumentos eustáticos, que temos por insatisfatórios. A ausência de dados radiométricos, bem como de elementos biostratigráficos, impede que se promova por agora uma reapreciação mais fundamentada dos dados disponíveis, avançado significativamente em relação aos termos substantivos em que a questão foi abordada nas sínteses das duas últimas décadas. Importa, por isso, proceder a novas e aturadas investigações, recorrendo a datações e escavações nos sítios mais promissores, como é o de Seixosa e alguns na Península de Setúbal. Em certo sentido, podemos dizer que se mantém actual o programa de pesquisas que Vítor Oliveira Jorge, no início dos anos 70, sugeriu pela primeira vez para a abordagem destas matérias. Com duas ressalvas, porém, ambas fundamentais: evoluiu entretanto muitíssimo o quadro teórico e a base de dados circum-mediterrânica, europeia e até peninsular; e identificaram-se em Portugal locais com indústrias líticas e contextualização geológica cujo potencial continua a merecer ser aprofundado.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ANTUNES, M. T. *et al.* (1986 a) – Mammifères pleistocènes de Algoz, en Algarve: une révision, *Ciências da Terra*, vol. 8, pp. 73-86, Lisboa.
- ANTUNES, M. T. *et al.*, (1986 b) – Le gisement pleistocène de Morgadinho, en Algarve, *Ciências da Terra*, vol. 8, pp. 9-22, Lisboa.
- ARSUAGA, J. L. e MARTÍNEZ, I. (1998) – *La especie eligida*, ed. Temas de Hoy, Madrid.
- AZEVEDO, M. T. *et al.* (1979) – «Contribuição para o conhecimento das indústrias líticas mais antigas do território português: as jazidas com 'Pebble Culture' da formação de Belverde – Península de Setúbal (Vilafranquiano médio)», *Setúbal Arqueológica*, vol. 5, pp. 31-44, Setúbal.
- BÉRMUDEZ DE CASTRO, J. M. (1998) – «Homínidos de Atapuerca: El primer poblamiento de Europa», *Los primeros pobladores de Europa: Últimos descubrimientos y debate actual, Workshop de Burgos, 1996*, pp. 45-66. Burgos.
- BAR-YOSEF, O. e GOREN-IBNAR, N. (1993) – «The lithic assemblage of the site of Ubeibiyah, Jordan Valley», *Qedem*, vol. 34, Jerusalém.

- BIBERSON, P. (1961) – *Le Paléolithique inférieur du Maroc atlantique*, Rabat.
- BONIFAY, E. *et al.* (1976) – «Solleilhac (Blanzac, Haute-Loire), nouveau site préhistorique du début du Pleistocène moyen», *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, vol. 73, pp. 293-304, Paris.
- BONIFAY, E. e VANDERMEERSCH, B. (1991) – «Vue d'ensemble sur le Très Ancien Paléolithique de l'Europe», *Les Premiers Européens, Actes du 114^{ème} Congrès National des Sociétés Savantes, 1989*, ed. CTHS, 1991, Paris.
- BORDES, F. e VIQUIER, F. (1971) – «Sur la présence de galets taillés de type ancien dans un sol fossile à Puerto de Santa Maria, au Nord-Est de la base de Cadix (Espagne)», *Comptes Rendus de l'Académie des Sciences*, n.º 272 (D), pp. 1747-1749, Paris.
- BREUIL, H. (1959) – «Contribution à l'étude des terrasses quaternaires au Portugal», *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, n.º 17 (4), pp. 9-12, Porto.
- BREUIL, H. e ZBYSZEWSKI, G. (1942 e 1945) – «Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire», *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, t. XXIII e XXVI, Lisboa.
- CARBONELL, E. *et al.* (2000) – «Las primeras ocupaciones humanas en la Península Ibérica», *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. 2 – Paleolítico da Península Ibérica*, pp. 11-16, Porto.
- CARDOSO, J.L. (1996) – «As praias calabrianas da Estremadura portuguesa e as primeiras comunidades peninsulares: o estado da questão», *Actas dos 2^{os} Cursos Internacionais de Verão de Cascais*, vol. 1, pp. 213-254, Cascais.
- CARDOSO, J. L. e PENALVA, C. (1979) – «Vestígios de praia calabriana com indústrias da 'Pebble Culture' no Alto de Leião – Paço de Arcos», *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*, n.º 21 (2-3), pp. 185-195, Lisboa.
- CARDOSO, J. L., ZBYSZEWSKI, G. e ANDRÉ, M. C. (1992) – «O Paleolítico do Complexo Basáltico de Lisboa», *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 3, pp. 1-645, Oeiras.
- CLOLS, J. Gibert (1999) – «Del Congreso a las actas: un largo y definitivo camino», *The Hominids and their Environments during the Lower and Middle Pleistocene of Eurasia, Proceedings of the International Conference of Human Palaeontology, Orce, 1995*, p.12-13, Orce.
- DENNELL, R. (1983) – *European economic prehistory. A new approach*, Academic Press, Londres.
- FERREIRA, O. da V. (1984) – «A 'Pebble Culture' ou 'Pebble Industry' em Portugal – Breve síntese da sua descoberta e estudo», *Ciência Actual*, I (1), pp. 23-25, Lisboa.
- GABINIA, L. *et al.* (2000) – «Earliest Pleistocene Hominid Crania from the Dmanisi Site, Republic of Georgia: Taxonomy, Setting, and Age», *Science*, vol. 288, Maio, pp. 1019-1025.
- GUTH, C. (1974) – «Découvertes dans le Villafranchien d'Auvergne de galets aménagés», *Comptes Rendus de l'Académie des Sciences*, n.º 279 (D), pp. 1071-1072, Paris.
- JORGE, V. O. (1972) – *Conjuntos industriais de seixos afeiçãoados do sul de Portugal*. Tese de licenciatura, policopiada, Faculdade de Letras de Lisboa.
- JORGE *et al.* (1973) – «Los conceptos de estilo lusitano y micro-lusitano en el Paleolítico portugués: contribución para su revisión», *Actas del XII Congreso Nacional de Arqueología, Jaén*, pp. 41-52, Zaragoza.
- LEMOIS, F. S. e MONTEIRO, J. P. (1975) – «A propósito das 'indústrias' de seixos afeiçãoados do Concelho de Sesimbra: esboço de uma ficha analítica descritiva», *Setúbal Arqueológica*, vol. 1, pp. 1-19, Setúbal.
- LUMLEY, H. (dir. de) (1976) – *La Préhistoire Française*, vol. I(2), ed. CNRS, Paris.
- LUMLEY, H. (dir. de) (1982) – *Les premiers habitants de l'Europe*, ed. Laboratoire de Préhistoire du Musée de l'Homme, Paris.
- MALEZ, M. (1976) – «Excavation of the Villafranchian site Sandalja I near Pula (Yugoslavia)», *Les Premières Industries de l'Europe*, IX Congresso da UISPP, Colóquio VIII, pp. 104-123, Nice.
- RAYNAL, J.-P. *et al.* (1995) – «The earliest occupation of Atlantic Morocco: the Casablanca evidence», *The Earliest Occupation of Europe, Proceedings of the European Science Foundation Workshop at Tautavel (France), 1993*, ed. Univ. de Leiden, pp. 255-262, Leiden.
- RAPOSO, L. (1985) – «Le Paléolithique inférieur archaïque au Portugal: Bilan des connaissances», *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, t. 82, fasc. 6, pp. 173-182, Paris.
- RAPOSO, L. (1999) – «Do Somme ao Tejo: a vida e obra de Henri Breuil e a sua contribuição para a Pré-história portuguesa», *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. 11/12, pp. 223-290, Lisboa.
- RAPOSO, L. (2000) – «Out of Africa... quem, quando e para onde?», *Almadan*, 2.ª série, n.º 9, pp. 14-16, Almada.
- RAPOSO, L. e GOMES, M. V. (1975) – «Analyse descriptif de galets aménagés. Un essai», *Comunicaciones presentadas en el II y III Colóquio Internacional de Prehistoria*, pp. 28-54, Morella.
- RAPOSO, L. e CARREIRA, J. (1986) – «Acerca da existência de complexos industriais pré-acheulenses no território português», *O Arqueólogo Português*, 4.ª série, vol. 4, pp. 7-90, 1986, Lisboa.
- RAPOSO, L. e SANTONJA, M. (1995) – «The Earliest Occupation of Europe: the Iberian peninsula», *The Earliest Occupation of Europe, Proceedings of the European Science Foundation Workshop at Tautavel (France), 1993*, ed. Univ. de Leiden, pp. 7-25, Leiden.
- ROLLAND, N. (1992) – «The Palaeolithic colonization of Europe: an archaeological and biogeographic perspective», *Trabajos de Prehistoria*, n.º 49, pp. 69-11, Madrid.
- ROEBROEKS, W. e VAN KOLSCHOTEN, Th. (1995) – «The earliest occupation of Europe: a reappraisal of artefactual and chronological evidence», *The Earliest Occupation of Europe, Proceedings of the European Science Foundation Workshop at Tautavel (France), 1993*, ed. Univ. de Leiden, pp. 297-315, Leiden.
- SANTONJA, M. (1986) – «Comentário», *O Arqueólogo Português*, 4.ª série, vol. 4, pp. 81-83, 1986, Lisboa.
- SANTONJA, M. e QUEROL, M. A. (1983) – «El yacimiento de cantos trabajados de El Aculadero (Puerto de Santa María, Cádiz)», *Excavaciones Arqueológicas en España*, n.º 130, Madrid.
- SANTONJA, M. e VILLA, P. (1990) – «The Lower Palaeolithic of Spain and Portugal», *Journal of World Prehistory*, n.º 4 (1), pp. 45-94.
- SERRÃO, E. C. e JORGE, V. O. (1970) – «Contribuição para um programa de pesquisa do Paleolítico antigo e médio português», *Revista de Guimarães*, 80 (1-2), pp. 123-140; 80 (3-4), pp. 361-379, 81 (1-2), pp. 5-24, Guimarães.
- THIBAUT, Cl. *et al.* (1977) – «El yacimiento de Paleolítico Inferior Arcaico de El Aculadero (Puerto de Santa María, Cádiz)», *Actas del XIV Congreso Nacional de Arqueología, Vitoria*, pp. 68-82, Zaragoza.
- TIXIER, J. *et al.* (1995) – «Présence d'industrie lithique dans le Pleistocène de la région d'Orce (Grenade, Espagne) : quel est l'état de la question?», *Comptes Rendus de l'Académie des Sciences*, n.º 321 (IIa), pp. 71-78, Paris.
- VALOCH, K. (1976) – «Aperçu des premières industries en Europe», *Les Premières Industries de l'Europe*, IX Congresso da UISPP, Colóquio VIII, pp. 178-183, Nice.
- ZBYSZEWSKI, G. (1976) – «Rapport sur les plus anciennes industries paléolithiques du Portugal», *Les Premières Industries de l'Europe*, IX Congresso da UISPP, Colóquio VIII, pp. 96-102, Nice.
- ZBYSZEWSKI, G. *et al.* (1981/1982) – «A 'Pebble Culture' do nível calabriano da Seixosa (Portugal). Aspectos tipológicos e geológicos», *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, t. XXIV (Classe Ciências), pp. 127-162, Lisboa.

QUADRO 1

Depósitos do Plistocénico Inferior de Portugal: distribuição geográfica, geologia, registo faunístico e arqueológico

Distribuição geográfica	Geologia	Registo faunístico e arqueológico
Algoz (Algarve)	Bihariano (MN 20)	<i>Hippopotamus antiquus</i> ; <i>Cervus</i> cf. <i>rhenanus/peyrollensis</i> ; <i>Eucladoceros</i> cf. <i>dicranios</i> ; <i>Oryctolagus lacosti</i>
Morgadinho (Algarve)	Villanyiano a Bihariano (MN 17 a MN 20)	<i>Galemys kormosi</i> ; <i>Prolagus</i> cf. <i>calpensis</i> ; <i>Mimomys</i> cf. <i>ostramosensis/savini</i>
Formação de Marco Furado: Baixa da Banheira (Península de Setúbal)	Vilafranquiano	lascas de quartzo
Formação de Belverde: Arcos, Basteza da Mó, Perú (Península de Setúbal) ; Alto de Leião, Seixosa, Bouro (Estremadura)	Calabriano	« pebble tools » (pré-Acheulense)